

NIETZSCHE E A GENEALOGIA DA MORAL COMO NOVA EXIGÊNCIA: O DEBATE COM PAUL RÉE E A TEORIA MORAL DO SÉCULO XIX

NIETZSCHE AND THE GENEALOGY OF MORALS AS NEW DEMAND: THE DEBATE WITH PAUL RÉE AND THE NINETEENTH-CENTURY MORAL THEORY*

IGOR ALVES DE MELO**
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, BRASIL

Resumo: O objetivo do artigo é analisar os caminhos que levam Nietzsche a enunciar sua crítica dos valores morais como uma nova exigência. Para tanto, considera-se sobretudo o debate de Nietzsche com Paul Rée e a teoria moral correspondente, de modo a avaliar, por fim, o legado deixado pelo filosofar histórico às gerações futuras.

Palavras-chave: Genealogia da moral. Crítica da moral. Juízos morais de valor. Psicologia moral. Fundamentação da moral.

Abstract: The paper analyzes the paths that leads Nietzsche to enunciate his critique of moral values as a new demand. To this end, I consider above all the debate of Nietzsche with Paul Rée and the corresponding moral theory, in order to evaluate, finally, the legacy left by the historical philosophizing to the future generations.

Keywords: Genealogy of morals. Critique of morals. Moral valuations. Moral psychology. Grounding of morals.

* Artigo recebido em 08/02/2018 e aprovado para publicação pelo Conselho Editorial em 14/03/2018.

** Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: igoraldemelo@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4373822674139814>

Introdução

Os escritos de Nietzsche publicados e autorizados para publicação contam com considerações retrospectivas lançadas pelo autor em seus últimos anos de produção. Esse projeto se consuma com *Ecce homo*, um livro inteiramente retrospectivo.¹ Além de uma profusão de novos sentidos e novas chaves de interpretação, o comentador de Nietzsche encontra nesses escritos retrospectivos uma orientação privilegiada para pesquisar as fontes do autor. Seu amigo Paul Rée, por exemplo, é uma fonte fundamental para interpretar a *Genealogia da moral* de acordo com seu respectivo contexto.

Nietzsche dialoga com a tradição moral mediante autores que sobre ele exerceram grande influência, como é o caso de seus mestres Wagner e Schopenhauer. Por outro lado, ao interesse do Nietzsche leitor de filósofos consagrados pela tradição ocidental, como Kant e Hegel, somam-se outros autores que, com mais atualidade e outras fórmulas e expressões, transmitem os sintomas dos *valores e juízos morais de valor* de seu tempo. Paul Rée surge desse contexto.

Médico e filósofo filantropo, Paul Rée chega a Nietzsche como um sintoma moderno dos valores, uma novidade, agregando novas contribuições a uma tendência moral que remonta ao século XVIII, a saber: a defesa do altruísmo ou não egoísmo.² Paul Rée encontra nos ingleses

¹ Além de *Ecce homo*, chamo de considerações retrospectivas os prefácios que Nietzsche escreveu posteriormente aos seguintes escritos: *O nascimento da tragédia (Tentativa de autocrítica)*, *Humano, demasiado humano* I e II, *Aurora*, *A gaia ciência*, *Além do bem e do mal*, *Genealogia da moral*, *O caso Wagner*, *Nietzsche contra Wagner* e *Crepúsculo dos ídolos*. Fora isso, há apenas breves autorreferências esparsas em alguns escritos.

² Quanto ao contexto histórico desta afirmação, cf. MACINTYRE, *Depois da virtude*, p. 383. Por sua vez, uma abordagem sobre a psicologia do egoísmo em Nietzsche excederia os propósitos deste artigo. No entanto, a esse respeito cabe fazer aqui uma observação básica. Com a crítica do altruísmo, Nietzsche não se propõe simplesmente inverter os preceitos filosóficos da moral cristã, pois substituir o altruísmo pelo egoísmo implicaria tão somente manter o modo de pensar metafísico (por oposições). Portanto, o que interessa, antes de tudo, é dinamitar as bases de conceitos modernos como sujeito, ego, indivíduo, alma, átomo e todos aqueles que se sustentam sobre a representação de unidades substanciais ou universais em ideias particulares. A partir disso, Nietzsche toma a liberdade de articular sua crítica à moral moderna mantendo de maneira estratégica o termo ‘egoísmo’, com o que não se trata, porém, de uma defesa do egoísmo como as anteriores. A principal advertência de Nietzsche nesse sentido é a seguinte: “As proposições sobre as quais no fundo o mundo inteiro está de acordo — para não falar dos filósofos de todo mundo, dos moralistas e outros cabeças ocas (*Hohlköpfe*), cabeças de repolho (*Kohlköpfe*) — aparecem em mim como ingenuidades do erro: por exemplo, a crença de que ‘altruísta’ e ‘egoísta’ são opostos, quando o *ego* não passa de um ‘embuste superior’, um ‘ideal’... Não existem ações egoístas, *nem* altruístas: ambos os conceitos são um contrassenso psicológico” (*Ecce homo*, “Por que escrevo tão bons livros” 5). Cf. também ARALDI,

novos argumentos e expressões a favor de valores morais antes defendidos por Schopenhauer. “Tratava-se, em especial, do valor do ‘não egoísmo’, dos instintos de compaixão, abnegação, sacrifício, que precisamente Schopenhauer havia dourado, divinizado, idealizado [*verjenseitigt*]” (GM, *Prólogo* 5).³ Ao lado de Schopenhauer, Paul Rée estimula a oposição sobre a qual Nietzsche ergue sua crítica genealógica dos juízos morais de valor. A crítica de Nietzsche incide sobre o modo de vida gregário do homem moderno, mais precisamente, contra o furor de valores morais como aqueles citados acima.⁴ Ao falar desses valores, Nietzsche se refere expressamente à “moral cristã”, expressão que se faz notar principalmente em seus últimos escritos. A moral cristã é compreendida aqui como transposição dos valores vinculados ao Deus⁵ morto para o reino da moralidade – um fenômeno que acompanha, portanto, o advento do ateísmo na cultura europeia. Com isso, os valores cristãos finalmente ultrapassam as demarcações do cristianismo eclesiástico.⁶ Nesse sentido, Nietzsche define a moral (cristã) como moral humanitária, moral da compaixão, do altruísmo, da abnegação, do desinteresse: “A perda de centro de gravidade, a resistência aos instintos naturais, em uma palavra, a ‘ausência de si’ — a isto se chamou moral até agora...” (EH, *Aurora* 2). “Sim, os atuais pregadores da moral da compaixão acham mesmo que isto e apenas isto é moral: — perder-se do *próprio* caminho e acudir ao próximo” (GC 338).⁷ Assim sendo, é o furor em torno da compaixão que leva Nietzsche a suspeitar *integralmente* da

C.L. Nietzsche e Paul Rée: acerca da existência de impulsos altruístas. • SIEMENS, H. Nietzsche e a sociofisiologia do eu.

³ Utilizo as siglas convencionais dos escritos de Nietzsche de acordo com a tradução para o português: NT (*O nascimento da tragédia*), Co.Ext. (*Considerações extemporâneas*), HH (*Humano, demasiado humano*), AS (*O andarilho e sua sombra*), A (*Aurora*), GC (*A gaia ciência*), ZA (*Assim falou Zaratustra*), BM (*Além do bem e do mal*), GM (*Genealogia da moral*), CW (*O caso Wagner*), NW (*Nietzsche contra Wagner*), CI (*Crepúsculo dos ídolos*), EH (*Ecce homo*), FP (*Fragmentos póstumos*), CN (*Cartas de Nietzsche*).

⁴ Quanto ao valor da compaixão, do altruísmo e aparentados, Nietzsche se refere sobretudo a seu educador Schopenhauer, mas também a Paul Rée e, de um modo geral, a Wagner, Tolstói, Rousseau, Auguste Comte e Hume – a este último de uma forma mais matizada ou menos direta. Comte, com seu *Catecismo positivista* (1852), ficou muito conhecido pela oposição moral entre altruísmo e egoísmo expressa na máxima “viver para os outros”. Comte é um defensor expoente da moral do altruísmo, porém foi poucas vezes citado e criticado por Nietzsche. Sem contabilizar as cartas e os fragmentos póstumos, Comte aparece ligeiramente apenas nos seguintes textos: M 132 e 542; BM 48; CI, *Incursoes de um extemporâneo* 4. Sobre o contexto histórico-filosófico do valor da compaixão na modernidade, cf. GIESSLER, W. *Das Mitleid in der neueren Ethik...* • ADORNO, T.W.; HORKHEIMER, M. Excurso II: Juliette ou esclarecimento e moral. In: *Dialética do esclarecimento*, p. 71-98. • HAMBURGER, K. *Das Mitleid*. • GÜLCHER, N.; LÜHE, I. (Orgs.). *Ethik und Ästhetik des Mitleids*.

⁵ O Deus pessoal, o Deus das religiões abraâmicas.

⁶ A esse respeito, cf. GC 125, 153, 343, 344 e 357; ZA IV, *Aposentado*; GM II 20, III 24 e 27; EH, *Por que sou um destino* 4; FP-1882,1[75]; FP-1882,2[5].

⁷ Cf. também EH, *Por que sou um destino* 4, 7 e 8; AS 54.

moral cristã. E é precisamente esse alarido moderno que o leva a *exigir* da filosofia uma crítica genealógica da moral:

Este problema do *valor* da compaixão e da moral da compaixão (— eu sou um adversário do amolecimento moderno dos sentimentos —) à primeira vista parece ser algo isolado, uma interrogação à parte; mas quem neste ponto se detém, quem aqui aprende a questionar, a este sucederá o mesmo que ocorreu a mim — uma perspectiva imensa se abre para ele, uma nova possibilidade dele se apodera como uma vertigem, toda espécie de desconfiança, suspeita e temor salta adiante, cambaleia a crença na moral, em toda a moral — por fim, uma nova exigência se faz ouvir (GM, *Prólogo* 6).

O modo de pensar e avaliar segundo o furor do valor do altruísmo e da moral do altruísmo caracteriza, portanto, a teoria moral a partir do século XVIII, sendo Schopenhauer, aos olhos de Nietzsche, o mais elevado precursor nesse sentido. Mas foi especialmente Paul Rée quem, na esteira dos ingleses, ergueu a pretensão de investigar a origem dos sentimentos morais sob a perspectiva de valores modernos, demasiado modernos, o que, pela força da contrariedade despertada, definitivamente conduziu Nietzsche a efetuar sua tarefa genealógica com a radicalidade que ainda lhe faltava. Posto isso, o objetivo do artigo é analisar os caminhos que levam Nietzsche a enunciar sua “*crítica dos valores morais*” como uma “*nova exigência*” (ibid.). Para tanto, considera-se sobretudo o debate de Nietzsche com Paul Rée e a teoria moral correspondente, de modo a avaliar, por fim, o legado deixado pelo filosofar histórico às gerações futuras.

O encontro de Nietzsche com as hipóteses de Paul Rée

No prólogo da *Genealogia da moral*, Nietzsche afirma que sua “expressão primeira, modesta e provisória”⁸ sobre a origem dos preconceitos morais ocorreu em *Humano, demasiado humano* (1878).⁹ Afirma também que seu primeiro impulso para desenvolver “hipóteses sobre a procedência da moral” ocorreu um pouco antes, no inverno de 1876-7,¹⁰ graças sobretudo à

⁸ GM, *Prólogo* 2.

⁹ Nesta obra, Nietzsche dedica um capítulo destinado especificamente a essa tarefa: *Contribuição à história dos sentimentos morais* (§35-107). Mas o necessário “*filosofar histórico*” (HH I 2) atravessa o livro inteiro, ainda que de maneira intercalada.

¹⁰ Mas Nietzsche considera que “os pensamentos mesmos são mais antigos”. (GM, *Prólogo* 2).

leitura de *Da origem dos sentimentos morais* (1877),¹¹ de Paul Rée: “um livrinho claro, limpo e sagaz — e maroto —” (GM, *Prólogo* 4).¹² A partir desse encontro, pode-se notar que em *Humano, demasiado humano* as hipóteses genealógicas de Nietzsche ainda refletem alguns traços da teoria de Paul Rée,¹³ o que naturalmente nos induz a uma leitura especialmente atenta dessa obra, à qual o próprio Nietzsche atribui um caráter modesto e provisório, embora declare não haver ali um debate frequente com seu amigo, silenciando quanto a eventuais influências em relação a ele: “Na verdade, ele [*Humano, demasiado humano*] continha um desacordo [*Widerspruch*] com cinco ou seis proposições do meu amigo [Paul Rée]” (EH, *Humano, demasiado humano* 6).¹⁴ Nesse sentido, Nietzsche afirma que nas obras anteriores à *Genealogia da moral* as hipóteses ainda são apresentadas “de maneira canhestra, [...] ainda sem liberdade, sem linguagem própria para essas coisas próprias, e com recaídas e hesitações diversas” (GM, *Prólogo* 4). Observa-se, por fim, com mais clareza um desenvolvimento do projeto genealógico de Nietzsche mais enfaticamente a partir de *Humano, demasiado humano*. Mas ainda olhando por outro lado e para trás, é o espírito histórico de Nietzsche que pode então nos persuadir quanto àquela consideração retrospectiva segundo a qual sua “primeira transvaloração de todos os valores” (entendida aqui como *meio* da crítica genealógica)¹⁵ teria ocorrido pela primeira vez em *O nascimento da tragédia* (CI, *O que devo aos antigos* 5).

¹¹ RÉE, P. Der Ursprung der moralischen Empfindungen. In: *Gesammelte Werke* 1875-1885, IV.2, p. 126-211. Além do prefácio e da introdução, cumpro aqui, em minhas referências a Paul Rée, uma delimitação ao primeiro capítulo dessa obra (§1) – *Da origem dos conceitos bom e mau*. São de minha autoria as traduções referentes às duas edições utilizadas neste artigo (incluindo as notas elucidativas dos organizadores).

¹² Razões não faltam para supor que, além dos problemas que interessavam a ambos os autores, o formato enxuto e dissertativo da *Genealogia da moral* tenha sido inspirado em grande parte pelo livro de Paul Rée. Sem considerar o conteúdo, a grande diferença é que Nietzsche, ao contrário de Paul Rée, permanecia completamente alheio ao estilo inglês de prosa e argumentação, o qual já havia se tornado uma tendência na Alemanha de seu tempo – nas últimas décadas, essa tendência se tornou finalmente dominante com o advento da filosofia analítica. Depois disso, Nietzsche não poderia mais esperar para apresentar com radicalidade uma crítica genealógica da moral em resposta ao sintoma moderno que lhe viera à tona pela perspectiva de “um olhar tão agudo e imparcial” como aquele de Paul Rée (GM, *Prólogo* 7). Um comentário sobre esse contexto encontra-se em STEGMAIER, W. *Nietzsches ‘Genealogie der Moral’*, p. 7 e 67-69.

¹³ A esse respeito, cf. ITAPARICA, A.L.M. Nietzsche e Paul Rée: o projeto de naturalização da moral em *Humano, demasiado humano*.

¹⁴ Tradução de Artur Morão. Comparando o Paul Rée de *Da origem dos sentimentos morais* e o Nietzsche de *Humano, demasiado humano*, evidencia-se que a influência do primeiro sobre o segundo, não obstante notáveis diferenças, é muito maior do que Nietzsche admite em seus escritos retrospectivos. A esse respeito, cf. Itaparica, op. cit.

¹⁵ Pois Nietzsche descreve sua *Genealogia da moral* da seguinte maneira: “Três decisivos trabalhos de um psicólogo, preliminares a uma transvaloração de todos os valores” (EH, *Genealogia da moral*, tradução modificada).

Apesar de discordar com veemência das hipóteses de Paul Rée sobre a origem da moral (*Ursprung der Moral*), Nietzsche não declarou ter sido com isso ofendido, sequer declarou ter apresentado “traço de irritação ou impaciência”, mas ao contrário, declarou ter sido atraído “com aquela força de atração que possui tudo o que é oposto e antípoda” (GM, *Prólogo* 4). Portanto, Nietzsche não toma as hipóteses de Paul Rée para refutá-las (“que tenho eu a ver com refutações!”), mas “para substituir o improvável pelo mais provável, e ocasionalmente um erro por outro” (ibid.). Com efeito, a teoria de Paul Rée teria realmente se mostrado improvável para Nietzsche, considerando que uma investigação histórica e crítica acerca do *valor* dos valores morais pode levar efetivamente a hipóteses mais prováveis que investigações fundamentadas em suposições históricas, por sua vez assentadas em preconceitos morais de seu tempo. Posto isso, porém, Nietzsche não descarta a possibilidade de eventualmente substituir um erro por outro. Sob a perspectiva histórica da “coisa documentada”, do “efetivamente constatável”, do “realmente havido”,¹⁶ talvez seja preferível até mesmo um erro mais provável (no sentido de mais real) a um erro menos provável (no sentido de menos real). Mesmo tratando-se de um erro, o provável é sempre melhor que o improvável. À primeira vista, a relação de Nietzsche com os erros pode até lembrar um pouco a modéstia espirituosa com a qual Paul Rée se expressa no prefácio da obra colocada aqui em questão: “Há lacunas neste escrito, mas lacunas [*Lücken*] são melhores que tapa-buracos [*Lückenbüßer*]”.¹⁷ Mas, em contrapartida, Nietzsche prefere oferecer tapa-buracos para as lacunas de Paul Rée, o que implica *substituir* ocasionalmente uma lacuna maior por outra menor ou mais provável do ponto de vista da história efetiva da moral. Solidário à tentativa do amigo e seus parentes intelectuais,¹⁸ Nietzsche responde com gratidão à oportunidade impostergável de cumprir a “nova exigência” enunciada no prólogo da *Genealogia da*

¹⁶ GM, *Prólogo* 7.

¹⁷ RÉE, Paul, op. cit., p. 126. Não há equivalente em português para este jogo de palavras. Há, em inglês, para esse caso, um jogo com *gap* e *stopgap*, embora com isso mantenham-se ainda, em relação à língua alemã, uma insuficiência e uma diferença etimológica que interferem também nos contextos de aplicação. *Lücken* é o plural de lacuna ou falha e *Büßer* é o penitente ou “pagador de pecados”. Já o substantivo composto pelas duas palavras (*Lückenbüßer*) significa substituto, suplente, reserva, provisório, temporário, interino.

¹⁸ Nietzsche reconhece as obras dos “psicólogos ingleses” (e o alemão Paul Rée pode ser incluído entre eles) como “as únicas tentativas de reconstituir a gênese da moral [...] — *elas são interessantes!*” (GM I 1, cf. na íntegra). “Todo o respeito, portanto, aos bons espíritos que acaso habitem esses historiadores da moral! Mas infelizmente é certo que lhes falta o próprio *espírito histórico*, que foram abandonados precisamente pelos bons espíritos da história!” (GM I 2). Esse é um exemplo da gratidão de Nietzsche conforme sua “práxis de guerra” filosófica (Cf. EH, *Por que sou tão sábio* 7).

moral: “necessitamos de uma crítica dos valores morais, o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão” (GM, *Prólogo* 6).¹⁹ Torna-se urgente, para Nietzsche, navegar em direção à “efetiva história da moral” (GM, *Prólogo* 7). Em meio à aparente tranquilidade de um mar liso, tal como se apresentava o mundo moderno para Nietzsche, a *Genealogia da moral* vem à tona com evoluções náuticas surpreendentes: “As três dissertações que compõem esta genealogia são, talvez, quanto à expressão, intenção e arte da surpresa, o mais familiarmente estranho ou estranhamente familiar, inquietante e temível [*das Unheimlichste*] que até agora se escreveu.” (EH, *Genealogia da moral*, tradução minha).

Paul Rée e a teoria moral dos ingleses

Desse modo, Nietzsche demonstra em que medida Paul Rée – herdeiro de Schopenhauer, porém dessa vez mais alinhado aos “genealogistas da moral ingleses”²⁰ – teria participado de uma tendência europeia abrangente, a saber: o utilitarismo como justificação a-histórica dos critérios modernos de valor; o furor, o “embuste superior”,²¹ a “má fé idealista”²² na defesa de valores morais como compaixão, altruísmo, abnegação, sacrifício, igualdade de direitos, fraternidade e liberdade. Muitas das misérias humanas teriam se tornado possíveis por consequência de falsos projetos e falsas promessas da moral cristã. Diante disso, Nietzsche também se ocupa em expor a dinâmica perversa do idealismo humanitário. Sobretudo no século XIX, como resposta à morte de Deus, a moral cristã dos ateístas e “livres pensadores” ficou presa num idealismo humanitário por amor ao conceito fantasmático de “homem”, amor também vulgarmente chamado de “amor ao próximo” – próximo, contudo, tão distante quanto um fantasma.²³ Todavia, na medida em que esse amor aproxima os devotos do fantasma “homem”, afasta-os dos homens de carne e osso, de modo que, concebendo-se como representação do “homem universal”, cada um pode agir e julgar por si mesmo, isto é, conforme

¹⁹ Cf. também GC 345.

²⁰ GM, *Prólogo* 4.

²¹ EH, *Por que escrevo tão bons livros* 5 e *Humano, demasiado humano* 5.

²² GIACOIA JUNIOR, O. *Nietzsche e Para além do bem e do mal*, p. 62. A esse respeito, cf. também GIACOIA JUNIOR, O. *O humano como memória e como promessa*, p. 60-174.

²³ A esse respeito, cf. STIRNER, M. *O único e sua propriedade*. Essa questão se repete no livro inteiro.

a lei moral, contanto que saiba discursar com argumentos convincentes a favor dos direitos humanos universais.²⁴ Também devoto do “homem natural”, Paul Rée de algum modo pertence a esse contexto, porém, fascinado pelos ingleses, procurou alternativas tanto à ética rigorista de Kant quanto à metafísica de Schopenhauer.

O debate de Nietzsche com Paul Rée ilustra bem o contexto da teoria moral na Europa do século XIX. Como observa Nietzsche, Paul Rée “havia lido Darwin [1809-1882] — e assim, em suas hipóteses, de maneira no mínimo divertida, a besta darwiniana e o moderníssimo, modesto fracote moral dão-se graciosamente as mãos” (GM, *Prólogo* 7).²⁵ A esse respeito, acrescenta Domenico Fazio, referindo-se a um apontamento de Ruckenbauer: “Em relação ao Paul Rée das obras sucessivas às *Observações psicológicas* [1875, primeira obra] escreveu-se que se tratava de um ex-schopenhaueriano que se convertera a uma forma de utilitarismo com tintas darwinianas”.²⁶ Mas isso não quer dizer que ele simplesmente tenha deixado Schopenhauer de lado. Talvez fosse mais adequado falar do Paul Rée *post* *Observações psicológicas* como um antischopenhaueriano, se considerarmos o significado que o prefixo de procedência grega *anti-* pode desempenhar nesse caso. Paul Rée ainda precisava mover-se *ante* Kant e Schopenhauer,²⁷

²⁴ Em relação a esse contexto, Kant permanece duro na crítica ao valor da compaixão e ao valor da felicidade como fim da moralidade, o que teria provocado grande revolta em Schopenhauer (cf. por exemplo GM, *Prólogo* 5 e SCHOPENHAUER, A. *Sobre o fundamento da moral*, p. 19-105). Contudo, mesmo assim Kant participa incisivamente do projeto de fundamentação da moral cristã, como tento demonstrar logo em seguida. Sobre a Declaração Universal dos Direitos Humanos à luz de uma confrontação entre Nietzsche e Kant, cf. GIACIOIA JUNIOR, O. *Nietzsche x Kant*, p.7-28.

²⁵ O antidarwinismo de Nietzsche diz respeito sobretudo à recepção de Darwin no século XIX. Em todo caso, a confrontação entre Nietzsche e Darwin suscita questões que trazem consigo muitas faces. Quanto aos escritos de Nietzsche, cf. GC 349 e 357, BM 253; GM, *Prólogo* 7; CI, *Incurões de um extemporâneo* 14; EH, *Por que escrevo tão bons livros* 1; FP-1881,11[177]; FP-1884,24[25]; FP-1885,34[73]; FP-1887,7[25]; FP-1887,10[7]; FP-1888,14[123] e [133]. Quanto aos comentadores, cf. FREZZATTI JUNIOR, W.A. *Nietzsche contra Darwin*. • SOMMER, A.U. Nietzsche mit und gegen Darwin in den Schriften von 1888. In: GERHARDT, V.; RESCHKE, R. (Org.). *Nietzsche, Darwin und die Kritik der Politischen Theologie*. • SALANSKIS, E. Moralistes darwiniens: les psychologies évolutionnistes de Nietzsche et Paul Rée. • SKOWRON, M. Nietzsches „Anti-Darwinismus“. • CONSTÂNCIO, J. Darwin, Nietzsche e as consequências do darwinismo.

²⁶ RUCKENBAUER, H.W. Paul Rée oder die Betagtheit der evolutionären Ethik. In: *Moralität zwischen Evolution und Normen. Eine Kritik biologischer Ansätze in der Ethik*, Würzburg 2002, p. 100 e 105 *apud* FAZIO, D.M.A. *Ética na escola de Schopenhauer: o caso de Paul Rée*, p. 95.

²⁷ Paul Rée discorre apenas indiretamente sobre as diferenças entre Kant e Schopenhauer e com isso não aponta para o papel decisivo que a crítica do segundo ao primeiro exerceu na filosofia moral alemã. Em *Sobre o fundamento da moral*, Schopenhauer desenvolve uma crítica acentuada à filosofia moral de Kant, a saber: uma crítica ao fundamento dado à moral por Kant (mas não ao fundamento mesmo da moral), ao imperativo categórico e aos deveres em relação a nós próprios, às doutrinas da consciência e do caráter inteligível e empírico, e à teoria da liberdade (p. 5-105).

reconstruir a “especulação” desses dois alemães com o poder de síntese de um Hume. Assim poderia então oferecer como alternativa uma explicação mais simples sobre os fenômenos morais. Inspirado sobretudo em Darwin, Paul Rée buscou nos “genealogistas da moral ingleses”²⁸ elementos para uma história de surgimento do não egoísmo (*Entstehungsgeschichte des Unegoistischen*), procedimento que Schopenhauer teria negligenciado em sua especulação.²⁹ No entender de Paul Rée, filósofos como Kant e Schopenhauer são mais profundos que o objeto a ser explicado, e quando a teoria ultrapassa em profundidade o objeto de estudo, o erro acabaria se tornando uma consequência inevitável.³⁰ Mas apesar disso, não se observa em Paul Rée um esforço para refutar categoricamente esses filósofos. Como alternativa a teorias demasiado profundas, Paul Rée mais parece apresentar um complemento revisório, ou ainda, mais precisamente, acrescentar à discussão um ponto de vista prático, cientificamente demonstrado, derivado de um exame pouco trivial (aos olhos dos alemães, não dos ingleses) sobre a origem dos sentimentos morais.

Que Paul Rée tenha dispensado as bases metafísicas de Schopenhauer e se convertido “a uma forma de utilitarismo com tintas darwinianas”, é o que já está exposto em *Da origem dos sentimentos morais* desde a introdução. Paul Rée mostra que, embora Kant, na *Crítica da razão pura*, tenha defendido como impossível o conhecimento do transcendente, considerando que a faculdade do conhecimento só tem validade dentro do tempo e do espaço, viu-se mesmo assim obrigado a admitir um aspecto transcendente na consciência moral (*moralisches Bewußtsein*) – “o próprio Kant via na consciência moral algo transcendente, em certa medida, uma revelação do mundo transcendente”.³¹ Todavia, sem qualquer propósito de efetuar uma crítica da moral cristã, Paul Rée jamais poderia notar, ao modo de Nietzsche, a jogada artilosa de Kant:

a fim de criar espaço para seu “reino moral”, ele [Kant] viu-se obrigado a estabelecer um mundo indemonstrável, um “Além” lógico — para isso necessitava de sua crítica da razão pura! Em outras palavras: *não teria necessitado dela*, se para ele uma coisa não fosse mais importante que tudo, tornar o “mundo moral” inatacável ou, melhor ainda, inapreensível pela razão — ele

²⁸ Expressão de Nietzsche em GM, *Prólogo* 4.

²⁹ RÉE, P., op. cit., p. 131.

³⁰ Ibid., p. 138.

³¹ Ibid., p. 127. “Para Kant, a ‘lei dos costumes’ prova nossa liberdade transcendental. Como cidadão de dois mundos – o mundo dos sentidos e o mundo inteligível – o homem é determinável pela razão pura e efetivamente livre em termos práticos” (Nota [n. 1] dos organizadores à edição publicada pela editora DenkMal, p. 25)

percebia muito bem como uma ordem moral do mundo é vulnerável à razão! Pois ante a natureza e a história, ante a radical *imoralidade* da natureza e da história, Kant era pessimista, como todo bom alemão desde sempre; ele acreditava na moral não por ela ser demonstrada pela natureza e a história, mas apesar de ser continuamente contrariada por elas (A, *Prólogo* 3).

Também sem pretensão de atacar o “mundo moral”, a “ordem moral do mundo”, Paul Rée manteve-se firme em sua fé nos juízos de valor da moral dominante, mas o “pessimismo alemão” tornou-se para ele obsoleto, muito pouco interessante, tanto como ferramenta teórica quanto como sentido ético. Ao contrário de Kant, Paul Rée defendeu a possibilidade de explicar os fenômenos morais do ponto de vista da imanência, dentro do tempo e do espaço, com base numa história (a-histórica, segundo Nietzsche) de surgimento dos sentimentos morais. Sua alternativa foi então buscar respostas científicas para sua filosofia, desde que elas pudessem ser fundamentadas numa *moralidade* da natureza e da história. Se Kant acreditava na moral cristã *apesar de* ela ser continuamente contrariada pela “radical *imoralidade* da natureza e da história”, Paul Rée precisou primeiro suprimir essa contrariedade – que seria a condição de possibilidade do “pessimismo kantiano”, segundo a interpretação de Nietzsche – para então sustentar sua crença nessa mesma moral, considerando que, a seus propósitos “antimetafísicos”, as teorias inglesas lhe eram muito mais sedutoras e convincentes. Em outras palavras, Paul Rée buscou demonstrar a origem dos sentimentos morais segundo uma ordem moral da natureza e da história e, com isso, suprimiu aquela contrariedade entre moral e natureza, cujo consecutivo “apesar de”, como sentido ético, seria um poderoso combustível para o pessimismo kantiano, um modo de pensar e avaliar que marcou o pensamento ético, o direito e a filosofia política não só na Alemanha – pois teria havido uma universalização desse pessimismo.

Em face dos limites colocados pela metafísica kantiana, Paul Rée encontra na “teoria do desenvolvimento” (*Entwicklungstheorie*)³² uma explicação para os fenômenos morais por causas imanentes, podendo enfim abandonar as causas transcendentais como derradeiros recursos da filosofia moderna. “Agora, porém, desde que *La Marck* [1744-1829] e *Darwin* escreveram, os fenômenos morais podem ser tão bem atribuídos às causas naturais como os físicos: o homem

³² Isto é: teoria da evolução (*Evolutionstheorie*) de Darwin (e Lamarck).

moral não está mais próximo do mundo inteligível que o homem físico”.³³ O problema é que com essa versão evolucionista do utilitarismo Paul Rée não afirma integralmente nem sequer consente a total “irresponsabilidade” da natureza³⁴ e suas multiplicidades, mas antes, acaba por moralizar as referidas “causas naturais”, isto é, concebê-las como causas de “fenômenos morais”. Desse modo, o moralista da imanência desqualifica os sentimentos supostamente oriundos dos “impulsos egoístas”, definindo-os como “causas naturais” das chamadas “más ações” e, com isso, engaja-se em defesa do projeto evolucionista de seleção e conservação da espécie segundo juízos de valor tipicamente cristãos (modernos), ainda que adornados cientificamente – juízos negadores do corpo e seus impulsos, a saber, do demasiado complexo, ambíguo, contraditório, o “eterno” e “terrível texto básico *homo natura*” (BM 230).³⁵

³³ RÉE, P. op. cit., p. 127. “Mundo inteligível: segundo Kant, um mundo inacessível à percepção sensorial e perceptível apenas com ajuda da razão, que ele próprio chamou de ‘uma mera coisa de pensamentos’. Rée alude à doutrina de Kant segundo a qual o homem é um cidadão de dois mundos, do empírico (como corpo) e do inteligível (como espírito). Para Kant, o mundo inteligível é, entre outros, o dos ideais éticos. Rée, com sua demarcação, enfatiza que as especulações de Kant não são mais necessárias, pois a doutrina moral pode usar os resultados científicos da teoria da evolução” (Nota [n. 5] dos organizadores à edição publicada pela editora DenkMal, p. 26).

³⁴ Considera-se que não há, sobretudo no Nietzsche das últimas obras, uma ideia de natureza ou natureza humana nem no sentido metafísico de substância única e imutável nem no sentido clássico da ciência moderna. Em vez disso, haveria uma ideia imanente e extramoral (*aufsermoralisch*) de natureza como devir-natureza e de “homem como o animal não fixado”. Giacoia Junior, autor desta definição, desenvolve notas importantes sobre o conceito de natureza humana em Nietzsche à luz da antropologia cultural de Arnold Gehlen, René Girard e Walter Burkert (*Nietzsche: o humano como memória e como promessa*, p. 21-41). Quanto aos escritos de Nietzsche, cf. NT 7, GC 59 e 109, BM 230, GM III 9, CI, *Incursões de um extemporâneo* 48 e 49, FP-1881,11[197], FP-1887,9[179]. Cf. também ARALDI, C. Natureza. In: GEN. *Dicionário Nietzsche*, p. 322-324. Esse tema tem sido desenvolvido nas últimas décadas com mais interesse no contexto vinculado à filosofia analítica. Sobre a hipótese do “naturalismo” de Nietzsche e suas reflexões sobre a natureza, cf. CARVALHO, D.F. O silêncio da natureza e o barulho da moralidade: Nietzsche e o problema da antropomorfização. • HEIT, H. Naturalizing perspectives. On the epistemology of Nietzsche's experimental naturalizations. • SCHACHT, R. O naturalismo de Nietzsche. • LEITER, B. O naturalismo de Nietzsche reconsiderado. • ARALDI, C. A vontade de poder e a naturalização da moral. In: *Nietzsche: do niilismo ao naturalismo moral*, p. 81-97. • GEMES, K. & JANAWAY, C. Naturalism and value in Nietzsche. • JANAWAY, C. Naturalism and genealogy. In: *Beyond selflessness. Reading Nietzsche's Genealogy*, p. 34-53. • ACAMPORA, C.D. Naturalism and Nietzsche's moral psychology. In: ANSELL-PEARSON, K. (Org.). *A Companion to Nietzsche*, p. 314-333. • CLARK, M. & DUDRICK, D. The naturalisms of *Beyond good and evil*. In: ANSELL-PEARSON, K. (Org.). *A Companion to Nietzsche*, p. 148-167.

³⁵ Sobre BM 230, cf. MEDRADO, A. O texto natural: sobre a tarefa nietzschiana de “retraduzir o homem de volta à natureza”. • BRUSOTTI, M. Descrição comparativa *versus* fundamentação: o quinto capítulo de *Para além de bem e mal*: “Contribuição à história natural da moral”.

Segundo Nietzsche, os “historiadores da moral” ou “genealogistas da moral”³⁶ de seu tempo buscavam, contraditoriamente, uma origem da moral “de maneira *essencialmente a-histórica*” (cf. GM I 2). A esse respeito, comenta:

Uma experiência própria muito estreita, “moderna”; nenhum conhecimento do passado, nenhuma vontade de conhecê-lo; tampouco instinto histórico, uma “segunda visão” necessária justamente nisso — e contudo se ocupar da história da moral: isto só pode conduzir a resultados cuja relação com a verdade é bem mais do que frágil (GM II 4).

Assim, esses historiadores da moral parecem repetir sob outras palavras e fórmulas a tradição metafísica da filosofia ocidental, ainda que se esforcem para demonstrar alguma iniciativa histórica e antimetafísica, pois, ao passo que inicialmente se propõem a investigar uma suposta “origem da moral”, eles acabariam por fazer uma interpretação a-histórica e portanto metafísica da mesma. Em contrapartida, Domenico Fazio observa com mais precisão o que foi pontuado no parágrafo anterior. “Já nas *Observações psicológicas* Rée não compartilhava com Schopenhauer a ideia que a ética tivesse a necessidade de uma fundação metafísica”.³⁷ Em *Filosofia* (obra póstuma editada em 1903), Paul Rée opera

desenvolvendo e radicalizando com coerência as originárias premissas antimetafísicas do seu pensamento. E por isso ele pode concluir a sua confrontação crítica com a filosofia de Schopenhauer com esse juízo, que parece uma definitiva aniquilação: “A filosofia de Schopenhauer não é uma análise do mundo, mas uma fantasia sobre o mundo”.³⁸

Para Nietzsche, porém, mesmo assim esses “genealogistas da moral”, por falta de “*espírito histórico*”, cumpriram apenas uma continuidade e variação da metafísica. Consoante aos estudos em teoria moral do século XIX, o Paul Rée antischopenhaueriano aponta a direção que queria dar para sua filosofia e demonstra, nesse sentido, seu grande apreço ao “acume filosófico de um

³⁶ GM I 2. Nietzsche também se refere a Paul Rée genericamente sob expressões como “historiadores da moral” e “genealogistas da moral”. Ele coloca essas expressões no plural porque, indiretamente, com elas, também se refere a Darwin (mencionado entre os “biólogos ingleses”) e a autores chamados de utilitaristas, moralistas e psicólogos ingleses, principalmente Spencer, Buckle, Bentham e Stuart Mill.

³⁷ FAZIO, D.M. A ética na escola de Schopenhauer: o caso de Paul Rée, p. 96.

³⁸ RÉE, Paul. *Philosophie*, cit., “Gedanken über verschiedene Gegenstände der Philosophie”, capítulo 4, “Die Philosophie Schopenhauers”, aforismo 129, “Schopenhauers Moralphilosophie”, p. 320-321 *apud* FAZIO, D.M. A ética na escola de Schopenhauer: o caso de Paul Rée, p. 97. Vale salientar que, nos últimos escritos, Paul Rée demonstra com mais radicalidade sua oposição a Schopenhauer.

Berkeley, de um Hume, de um Mill”.³⁹ Diante do sintoma Paul Rée, o médico Nietzsche procurou ocupar-se sobretudo com a leitura do amigo, desejando “dar a um olhar tão agudo e imparcial uma direção melhor, a direção da efetiva *história da moral*, prevenindo-o a tempo contra essas hipóteses inglesas que se perdem *no azul*”. (GM, *Prólogo* 7). Pois não é esta a cor mais importante para um genealogista da moral, mas “o cinza, isto é, a coisa documentada, o efetivamente constatável, o realmente havido, numa palavra, a longa, quase indecifrável escrita hieroglífica do passado moral humano! — O dr. Rée não sabia de sua existência” (ibid.).

Observe-se, pois, como Paul Rée apresenta seu método no prefácio da obra com a qual estamos lidando:

O ponto de vista deste escrito é puramente teórico. Assim como o geólogo primeiro procura e descreve diferentes formações e depois analisa as causas de que surgiram, assim também o autor primeiro tomou os fenômenos morais da experiência e depois, tanto quanto suas capacidades o permitiram, foi atrás da história de seu surgimento.⁴⁰

Seria adequada essa comparação com os geólogos? Não seria necessário proceder inversamente, como pretendo geólogo dos sentimentos morais? Ora, um genealogista da moral deveria começar sua crítica perscrutando a história de surgimento dos juízos morais de valor, e “para isto é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram” (GM, *Prólogo* 6). Mas Paul Rée, ao contrário, começou pelo *fim*. Primeiro tomou como *coisa em si* os fenômenos morais da experiência, depois perguntou pela finalidade e utilidade do agir moral não egoísta (incluindo a compaixão),⁴¹ e somente então buscou as causas de que surgiram os fenômenos morais. Mas ao buscar essas causas ele não percorreu os acasos e paradoxos da história. Mesmo os exemplos históricos citados por ele são esporádicos e descontextualizados, sempre expostos à luz do contexto moderno de

³⁹ P. Rée, *Philosophie, Nachgelassenes Werk*, Berlin 1903, *Gedanken über verschiedene Gegenstände der Philosophie*, capítulo 4, “Die Philosophie Schopenhauers”, aforismo 94, “Schopenhauer”, p. 290 *apud* FAZIO, D.M. A ética na escola de Schopenhauer: o caso de Paul Rée, p. 96.

⁴⁰ RÉE, P. Der Ursprung der moralischen Empfindungen. In: *Gesammelte Werke*, 1875-1885, IV.2, §1, p. 126.

⁴¹ Referindo-se à Grécia antiga, Nietzsche afirma: “É óbvio que as designações morais de valor, em toda parte, foram aplicadas primeiro a homens, e somente depois, de forma derivada, a ações: por isso é um grave equívoco, quando historiadores da moral partem de questões como ‘por que foi louvada a ação compassiva?’” (BM 260). Brusotti pesquisou na *Ética dos antigos gregos*, de Leopold Schmidt, a fonte para essa hipótese de Nietzsche. Cf. BRUSOTTI, M. O “autoapequenamento do homem” na modernidade: estudo sobre a *Genealogia da moral* de Nietzsche. In: GARCIA, A.L.M.; ANGIANI, L. (Orgs.). *Labirintos da filosofia*, p. 145-175.

interpretação. Paul Rée permaneceu imobilizado no modo de valorar dominante de seu tempo. É que, para ele, a origem da moral morava ao lado, era-lhe contemporânea, conforme com a época (*zeitgemäß*), companheira de época (*Zeitgenossin*). Aproximando-se dos ingleses, Paul Rée delimitou seu campo a-histórico de investigação em torno do circuito dos fenômenos morais de sua experiência. Assim procedendo, encontrou a origem dos sentimentos morais em juízos de valor *modernos, demasiado modernos* (cf. BM 186). A moral mesma não era um problema, mas a imoralidade... essa com certeza.

Ao contrário daquelas genealogias inclinadas à fundamentação dos preconceitos modernos, a genealogia de Nietzsche não poderia limitar-se a buscar uma “origem da moral” nas experiências cotidianas do mundo moderno, “negligenciando como inacessíveis todos os episódios da história”. Em contrapartida, seu procedimento consiste em “se demorar nas meticolosidades e nos acasos dos começos; prestar uma atenção escrupulosa à sua derrisória maldade”.⁴² Por algum tempo, esse arqueólogo teve que abandonar as agitações e o olhar unívoco de seu tempo para viver nos subterrâneos da moralidade, escavar o solo dos costumes feito uma “toupeira”. Esse experimento ocorreu em *Aurora*, segundo o balanço retrospectivo de Nietzsche efetuado no prólogo desse livro: “desci à profundidade, penetrei no alicerce, comecei a investigar e escavar” nossa velha confiança na moral (A, *Prólogo* 2).

Uma “filosofia das ‘aspas’” (ou “filosofia das ‘patinhas de ganso’”) (*Philosophie der „Gänsefüßchen“*),⁴³ companheira das nuances, sutilezas e contrariedades, corajosa o bastante para ocupar-se com “perigosos ‘talvezes’”,⁴⁴ seria assim uma particularidade de um modo de pensar extemporâneo (*unzeitgemäß*), descolado de seu tempo e *ipso facto* capaz de efetuar uma espécie de geologia e arqueologia dos usos e saberes.⁴⁵ Por si só, isto é, por mera introspecção em torno da

⁴² FOUCAULT, M. Nietzsche, a genealogia e a história. In: *Microfísica do poder*, p. 19.

⁴³ “Quem em sua caverna tornou-se [...] um urso covil ou um caçador de tesouro [...]: seus conceitos contêm por fim uma cor lusco-fusca própria, [um] cheiro tanto de profundidade quanto de mofo, algo incomunicável e repugnante que atija com sopro frio toda curiosidade: — e uma filosofia de eremita [*Einsiedler-Philosophie*], se ela mesma fosse escrita com garras de leão [*Löwenklau*], pareceria, entretanto, sempre como uma filosofia [entre] ‘aspas’ [*Gänsefüßchen*]” (FP-1885,37[5]. Tradução de André Luis Muniz Garcia com revisão de Oswaldo Giacoia Junior). Nietzsche joga aqui com *Gänsefüßchen*, palavra comum na linguagem oral, usada com o significado de aspas, mas que literalmente quer dizer “patinhas de ganso”. Essa não é a única vez em que Nietzsche lança mão desse espirituoso recurso etimológico.

⁴⁴ BM 2.

⁴⁵ Sobre as implicações dessa particularidade de Nietzsche, cf. STEGMAIER, Werner. Signos de Nietzsche. In: *As linhas fundamentais do pensamento de Nietzsche*, p. 136-174.

experiência presente, a especulação filosófica não poderia dar conta dos jogos de oposição e associação, nuances e sutilezas da existência, na medida em que o movimento dinâmico da história, com sua profusão e fluidez de formas e sentidos, estiver ainda de algum modo distante das investigações. Entre os perigos frequentemente encarados por Nietzsche está aquele de descobrir como valores hoje valorizados e dominantes tiveram juízos de valor divergentes ou mesmo opostos em seus começos, e como, entretanto, o caráter básico dos *modos de valoração* não teria simplesmente se volatilizado, podendo sempre encontrar, no jogo de máscaras da moral, ecos e ressonâncias na atualidade.⁴⁶ Com efeito, deve-se considerar “a medida da pré-história (pré-história, aliás, que sempre está presente, ou sempre pode retornar)” (GM II 9). Em sua teoria do ressentimento,⁴⁷ por exemplo, Nietzsche traça uma linha do judaísmo sacerdotal ao idealismo de Wagner. A questão que, nesse exemplo, percorre os labirintos da história é a seguinte: o que o judaísmo sacerdotal (incluindo o cristianismo eclesiástico) e o velho Wagner teriam *ainda* em comum? Não é por acaso que Nietzsche reconstituiu sumariamente sua teoria do ressentimento justo no epílogo de *O caso Wagner*. Mas isso, como mencionei acima, ofereço aqui apenas a título de exemplo.

À guisa de conclusão: o projeto de fundamentação da moral como imunização do *status quo*

Na Europa de hoje, a sensibilidade moral é tão sutil, tardia, múltipla, excitável, refinada, quanto a “ciência da moral” que lhe corresponde é ainda jovem, incipiente, tosca e rudimentar — um atraente contraste, que às vezes se faz visível e toma corpo na pessoa mesma de um moralista. Considerando aquilo que designa, a expressão “ciência da moral” resulta demasiado arrogante e contrária ao *bom* gosto: o qual é sempre gosto antecipado pelas palavras mais modestas. Deveríamos, com todo o rigor, admitir *o que se faz necessário* por

⁴⁶ “Nada foi comprado tão caro como o pouco de razão humana e de sentimento de liberdade que agora constitui nosso orgulho. É este orgulho, porém, que nos torna hoje quase impossível sentir como os imensos períodos de ‘costumidade do costume’ [*Sittlichkeit der Sitte*], [...] em que o sofrimento era virtude, a crueldade era virtude, a dissimulação era virtude, a vingança era virtude, a negação da razão era virtude, enquanto o bem-estar era perigo, a sede de saber era perigo, a paz era perigo, a compaixão era perigo, ser objeto de compaixão era ofensa, o trabalho era ofensa, a loucura era coisa divina, a mudança era algo não ético e prenhe de ruína! — Vocês acham que tudo isso mudou e que, portanto, a humanidade trocou de caráter? Ó conhecedores dos homens, aprendam a conhecer-se melhor!” (A 18, tradução ligeiramente modificada).

⁴⁷ Sobre a teoria do ressentimento, cf. BM 260; GM I 10-17; CW, *Epílogo*; NW, *Nós, antípodas*.

muito tempo, *o que* unicamente se justifica por enquanto: reunião de material [...] como preparação para uma *tipologia* da moral. Sem dúvida: até agora ninguém foi modesto a esse ponto. Tão logo se ocuparam da moral como ciência, os filósofos todos exigiram de si, com uma seriedade tesa, de fazer rir, algo muito mais elevado, mais pretensioso, mais solene: eles desejaram a *fundamentação* da moral — e cada filósofo acreditou até agora ter fundamentado a moral; a moral mesma, porém, era tida como “dada”. Quão longe do seu tosco orgulho estava a tarefa da descrição, aparentemente insignificante e largada no pó e na lama, embora para realizá-la não bastassem talvez os sentidos e os dedos mais finos e delicados! Precisamente porque os filósofos da moral conheciam os fatos morais apenas grosseiramente, num excerto arbitrário ou compêndio fortuito, como moralidade do seu ambiente, de sua classe, de sua Igreja, do espírito de sua época, de seu clima e seu lugar — precisamente porque eram mal informados e pouco curiosos a respeito de povos, tempos e eras, não chegavam a ter em vista os verdadeiros problemas da moral — os quais emergem somente na comparação de *muitas* morais. (BM 186)

Esse aforismo abre o quinto capítulo de *Além do bem e do mal*, intitulado “Contribuição à história natural da moral”. Para dizer com as palavras de Nietzsche, a “genealogia da moral” se refere precisamente a um programa de “história natural da moral”.⁴⁸ Conforme o título do capítulo, o aforismo em questão expressa o contexto moderno diante do qual se situa o programa nietzschiano de uma história natural da moral.⁴⁹ Nietzsche discute em que deveria consistir o trabalho prévio de um genealogista da moral na condição de um trabalhador filosófico. Como vimos algumas páginas atrás, Paul Rée afirma tomar os fenômenos morais da experiência como a primeira tarefa de sua pesquisa sobre a origem dos sentimentos morais. Com isso, vemos, agora, que assumir eventuais lacunas em seu escrito não teria passado de uma ingênua modéstia. Paul Rée se inscreve no contexto da incipiente e muito pretensiosa “ciência da moral” no final do século XIX. Os pressupostos dessa ciência dispensam a modéstia do não saber histórico, impulso que desperta a curiosidade e leva o pesquisador a se aventurar no texto dos longos e tortuosos episódios do passado moral humano. Para Nietzsche, faz-se necessário um trabalho

⁴⁸ Com exceção de uma única ocorrência em GMI 4, Nietzsche só emprega a expressão “genealogia da moral” em referência ao título do livro correspondente e à empresa (pretenciosa e malsucedida) de outros autores do século XIX (“genealogistas da moral”). É a expressão “história natural da moral” (ou similares) que aparece nos textos de Nietzsche e que designa expressamente a prática do programa genealógico, isto é, os procedimentos efetivos da crítica genealógica. Para mais detalhes, cf. as observações de Brusotti em “Descrição comparativa *versus* fundamentação: o quinto capítulo de *Para além de bem e mal*: ‘Contribuição à história natural da moral’”, p. 27-28.

⁴⁹ Para uma análise contextual de BM 186, cf. Brusotti, op. cit.

prévio acerca dos valores morais, o que envolve tanto uma história de proveniência (*Herkunftsgeschichte*) – conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram os valores – quanto uma história de emergência (*Entstehungsgeschichte*) – conhecimento das condições e circunstâncias sob as quais se desenvolveram e se modificaram. Nietzsche concebe como precondições de uma verdadeira tarefa filosófica uma espécie de arqueologia da moral, a saber: um trabalho de documentação histórica e etnográfica, uma tarefa de descrição e análise comparativa de diversas morais, “formulação e ordenamento conceitual de um imenso domínio de delicadas diferenças e sentimentos de valor que vivem, crescem, procriam e morrem — e talvez tentativas de tornar evidentes as configurações mais assíduas e sempre recorrentes dessa cristalização viva” (BM 186). Com isso, prepara-se o terreno para uma tipologia da moral. Ao tipologista “compete tornar visível, apreensível, pensável, manuseável, tudo até hoje acontecido e avaliado [*alles bisher Geschehene und Geschätzte*], abreviar tudo o que é longo, ‘o tempo’ mesmo, e subjugar o passado inteiro” (BM 211). Essa é uma condição de possibilidade para interpretar certos traços típicos do caráter moral “que regularmente retornam juntos e ligados entre si” (BM 260). É a partir daí que se desenvolve a psicologia nietzschiana da moral.⁵⁰ Mediante o trabalho prévio acerca do passado moral, os “autênticos filósofos” poderiam, sendo eles mesmos trabalhadores filosóficos, lançarem-se ao futuro e, na condição de “legisladores”, finalmente criar valores (BM 211).

É preciso ainda voltar alguns passos para concluir a análise contextual da ciência da moral na segunda metade do século XIX e seu respectivo projeto de fundamentação. Mancomunados com os valores da moral dominante, os filósofos da tradição moderna costumam tomar um “*preconceito popular*” e exagerá-lo (BM 19). Desse modo, a teoria até pode resultar num sistema complicado e rebuscado, mas a complexidade mesma da moral permanece não acessada, e a existência de muitas e diferentes morais permanece, portanto, desconhecida. Vista de perto e sob um ângulo muito estreitado, a moral é reduzida a costumes citadinos. Seria praticamente impossível considerar que nossos preconceitos morais pudessem ser reconhecidos

⁵⁰ Esse é o caminho que leva Nietzsche a encontrar “dois tipos básicos” de moral (moral dos senhores e moral de escravos) e a respectiva “diferença fundamental” entre eles (BM 260).

como tais, se não nos afastarmos de nosso tempo e seu respectivo modo de valorar.⁵¹ O projeto de fundamentação do preconceito popular é naturalmente avesso ao questionamento de seus pressupostos. Supondo que a mentira dos preceitos sagrados fosse finalmente exposta e reconhecida, isso poderia chegar a enrubescer os mais honestos eruditos em teoria moral, que se banham ingenuamente nas águas de uma filosofia com pretensões críticas, piscando os olhos, orgulhosos, como se assim houvessem sido despertados de um sonho dogmático (cf. BM 210). Porém não basta apenas expor a mentira enrustida, a impotência do falso. Reconhecer a farsa dos preceitos morais seria impossível para quem, no lugar do olhar de suspeita, da visão crítica e histórica, tem o olhar vendado pelo dogma dos juízos de valor aceitos e louvados. É mais comum olhar e não querer ver, ou não ter outros olhos para ver diferente, sob outros pontos de vista, e com isso poder admitir a verdade de suas mentiras, ou ainda, porventura encontrar outras realidades para suas ficções. Pois o que buscam os conhecedores e melhoradores dos homens senão fundamentar a fé na velha – ainda que sempre renovada – moral cristã?

Por estranho que possa soar, em toda “ciência da moral” sempre faltou o problema da própria moral: faltou a suspeita de que ali havia algo problemático. O que os filósofos denominavam “fundamentação da moral”, exigindo-a de si, era apenas, vista à luz adequada, uma forma erudita da ingênua *fé* na moral dominante, um novo modo de *expressá-la*, e portanto um fato no interior de uma determinada moralidade, e até mesmo, em última instância, uma espécie de negação de que fosse *lícito* ver essa moral como um problema — em todo caso o oposto de um exame, questionamento, análise, vivisseção dessa mesma fé. (BM 186)

Veja-se, por exemplo, a sucessão teórica de Kant em sua *Fundamentação da metafísica dos costumes*: (1) “Transição do conhecimento moral da razão para o conhecimento filosófico”; (2) “Transição da filosofia moral popular para a metafísica dos costumes” e (3) “Transição da metafísica dos costumes para a crítica da razão prática pura”. Também para Kant a moral mesma, o “valor da moral”,⁵² não seria um problema. A crítica da razão prática pura também se apresenta,

⁵¹ Levando essa questão às últimas consequências, assim diz a máxima de Nietzsche: “Viva retirado, para que possa viver para si! Viva na *ignorância* daquilo que seu tempo considera mais importante! Ponha, entre você e o hoje, uma pele de ao menos três séculos! E a gritaria de hoje, o barulho das guerras e revoluções, não deve ser mais que um murmúrio para você!” (GC 338). Sobre extemporaneidade, cf. Co.Ext. II, *Prólogo*; Co.Ext. III 3; BM 212; GC 377; CW *Prólogo*. Cf. também CORBANEZI, E. Extemporâneo. In: GEN. *Dicionário Nietzsche*, p. 222-223.

⁵² GM, *Prólogo* 5.

aos olhos de Nietzsche, como uma forma erudita e ingênua da velha confiança na moral dominante, um novo modo de expressar “a superstição popular da Europa cristã” (GC 345). Os valores da moral dominante (ou costumes, *Sitten*) permanecem imunes à crítica da razão prática pura. Agrilhoadas aos ditames da lei moral de seu tempo e ambiente, a crítica de Kant não poderia *querer* prever ou admitir, em seu programa, a necessidade de uma “crítica dos juízos de valor morais” (ibid.).⁵³

A tradição da filosofia moderna teria edificado seus *majestosos edifícios morais*⁵⁴ no lugar-comum dos costumes, de modo que esses arranha-céus teriam atingido proporções gigantescas na consciência moral do tipo homem moderno. A cada novo edifício construído, maiores e mais poderosos teriam se tornado os fundamentos e as convicções acerca dos valores morais (A, *Prólogo* 3). Com isso, os filósofos reenviariam, queiram sim, queiram não, todo um arcabouço teórico-filosófico à *doxa* dos costumes cristãos, de modo a proteger e recrudescer cada vez mais a incontestabilidade da moral popular dominante. Esse é um meio poderoso de encaminhar os preconceitos da moral para além dos próximos séculos, razão pela qual ainda hoje Kant exerce notável influência na moral ocidental, da ética à filosofia política e do direito, da “filosofia moral popular” ao seminário teológico. A esse respeito, Giacoia Junior acrescenta que o “conceito de homem e de natureza humana definido em termos de valores universais como autonomia, dignidade, liberdade é partilhado por Kant e pelo *mainstream* da ética, do direito e da filosofia política contemporânea”.⁵⁵

No âmbito da cultura europeia, por volta dos séculos XVIII e XIX, é interessante observar em que sentido algumas sociedades científicas promoviam seus concursos sobre filosofia moral. Veja-se a esse respeito, por exemplo, a questão de concurso proposta pela *Sociedade Real Dinamarquesa de Ciências de Copenhague*, no dia 30 de janeiro de 1840: “*A fonte e o fundamento da filosofia da moral* devem ser buscados numa ideia de moralidade contida na consciência imediata e em outras noções fundamentais que dela derivam ou em outro princípio

⁵³ A esse respeito, cf. KANT, I. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. • A, *Prólogo* 2 e 3. Para uma confrontação entre Nietzsche e Kant no domínio da razão prática, cf. GIACOIA JUNIOR. O. *Nietzsche x Kant*.

⁵⁴ Segundo Nietzsche, Kant (*Crítica da razão pura*, II) “caracteriza sua tarefa ‘de pouco brilho, mas não sem algum mérito’, como sendo a de ‘aplainar e preparar o solo para esses majestosos edifícios morais’” (A, *Prólogo* 3).

⁵⁵ GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. *Nietzsche: o humano como memória e como promessa*, p. 328.

do conhecimento?” Defendendo a compaixão como fundamento último da moral, Schopenhauer foi o único concorrente a esse prêmio com sua obra *Sobre o fundamento da moral*, embora o prêmio lhe tenha sido recusado.⁵⁶ O *motto* de Schopenhauer para essa obra já diz muito sobre sua visão diante da questão proposta: “*Pregar a moral é fácil, fundamentar a moral é difícil*” – uma passagem de sua obra *Sobre a vontade na natureza* (1836). Avalie-se agora o procedimento de Paul Rée diante dessa exigência da filosofia moral do século XIX. Certamente ele buscou a fonte e o fundamento da filosofia moral em outro princípio do conhecimento, a saber: na história de surgimento dos sentimentos morais. O problema é que, para dizer mais uma vez, sua teoria buscava um conhecimento histórico isento de crítica, deixando assim imune o valor da moral. Com Nietzsche, a questão da Sociedade Real desabaria em sua própria formulação, pois buscar uma fonte e um fundamento da filosofia moral já implicaria, em última análise, conceber os juízos morais de valor como dados e portanto imunes a um exame histórico e crítico acerca de sua proveniência e emergência ao longo dos tempos.

Cada um a seu modo, Kant, Schopenhauer, Paul Rée e o *mainstream* da teoria moral na Europa dos séculos XVIII e XIX tomavam “o valor desses ‘valores’ como dado, como efetivo, como além de qualquer questionamento”,⁵⁷ como se houvesse realmente fatos morais. Ao passo que, para Nietzsche, “*não existem absolutamente fatos morais*”, pois a moral “é apenas uma interpretação de determinados fenômenos, mais precisamente, uma *má* interpretação” (CI, *Os “melhoradores” da humanidade* 1). Mas o cristianismo (assim como o platonismo) não se tornou finalmente uma fábula?⁵⁸ Quer dizer então que a filosofia moderna, outrora escrava da teologia, tornou-se guardiã inconfessa dos artigos de fé da moral cristã? Sobre a história de empoderamento da moral dominante, ou de como essa moral se tornou poderosa, garantindo um *status quo* a ponto de consolidar-se em torno de seus campos de atuação para além das luzes “críticas” da razão, trago aqui apenas duas palavras como indicação do caminho: autoridade e dispositivos tácitos de poder.

⁵⁶ Cf. a formulação completa desta questão em SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre o fundamento da moral*, p. 3-4 e igualmente o prefácio de Alain Roger. O julgamento dado pela *Sociedade Real* encontra-se na p. 225-226.

⁵⁷ GM, *Prólogo* 6.

⁵⁸ Com essa pergunta, refiro-me indiretamente a CI, *Como o “mundo verdadeiro” se tornou finalmente fábula*.

Nietzsche se refere frequentemente à imagem da luta entre o bem e o mal como núcleo da história de proveniência e emergência dos valores, e encontra na má reflexão acerca desses dois conceitos o móbil propulsor dos valores que orientam os rumos da cultura ocidental. Para lidar com um problema tão espinhoso, campo minado da linguagem moral, Nietzsche recorre à narrativa do *persa Zaratustra* na tentativa de driblar as malhas da gramática com rapinagens e perspicácia da visão histórica. “Muitos países viu Zaratustra, e muitos povos: assim descobriu o bem e o mal de muitos povos. Zaratustra não achou maior poder na terra do que bem e mal” (ZA I, *Das mil metas e uma só meta*). “Zaratustra foi o primeiro a ver na luta entre o bem e o mal a verdadeira roda motriz na engrenagem das coisas — a transposição da moral para o metafísico, como força, causa, fim em si, é obra sua.” (EH, *Por que sou um destino* 3). O bem e o mal, esse “sempre foi um tema demasiado perigoso” (A, *Prólogo* 3). Recuado, porém inconsciente desse perigo, a humanidade medrou nos terrenos pantanosos dos últimos tempos. O poder dessa oposição disseminou seus espectros na imaginação popular e filosófica. Transposta para o metafísico, observa-se com Nietzsche, a moral cristalizou os modos de pensar de acordo com contornos e expressões dualistas. Cada uma a seu modo, diferentes teorias da moral teriam então conservado os conceitos de bem e mal como demarcadores de valor incontestes.⁵⁹ Estabelecendo-se como *causa sui*, a moral cristã cercou-se de autoridade no pensamento ocidental, o que lhe garante ainda hoje graus extensos e seguros de incontestabilidade. “Desde que o mundo é mundo, autoridade nenhuma se dispôs a ser alvo de crítica; e criticar a moral, tomá-la como problema, como problemática: o quê? isso não era — não é — imoral? —” (A, *Prólogo* 3). Mas a imposição do medo não seria ainda o único meio disposto pela autoridade da moral para manter longe de si qualquer iniciativa de “exame, questionamento, análise, vivisseção”⁶⁰ da fé em seus valores. O domínio da moral não poderia se sustentar sem a relação inextrincável entre autoridade e seus respectivos dispositivos tácitos de poder. Resistente à crítica dos juízos de valor, a moral é mestra da sedução e do encanto, sabe “entusiasmar”, despertar

⁵⁹ Nesse ponto, Nietzsche elogia autores que negam o mal, como Spinoza e Emerson, por exemplo. Cf. CN-1881,135 – Carta de Nietzsche a Overbeck em 30 de julho de 1881. • VIVARELLI, V. Emerson. In: NIEMEYER, C. (Org.). *Léxico de Nietzsche*, p. 173-174. • MARTINS, A. Nietzsche e a negação do mal. In: MARTINS, A. (Org.). *O mais potente dos afetos: Spinoza e Nietzsche*, p. 287-305.

⁶⁰ BM 186.

furor, persuadir, conciliar, reverter oposições, trazer os opostos para seu lado, converter opositores a seu favor (A, *Prólogo* 3). Assim, as ideias fixas da “filosofia moral popular” contaminaram a imaginação esclarecida da razão pura, de modo que, depois disso, o senso comum e as superstições tornaram-se os meios mais “democráticos” para estimular as zonas erógenas das concepções mais ocultas, refinadas e dissimuladas da moralidade. Ou não haveria mais nada oculto, refinado, dissimulado, por exemplo, nos debates contemporâneos em filosofia moral, supondo que se tenha finalmente ultrapassado o domínio das teorias modernas apoiadas na deontologia kantiana e no consequencialismo de proveniência utilitarista?⁶¹ O faro e o olhar de suspeita dessa pergunta não deveriam nos deixar sossegados. Considerando os danos incomensuráveis que a adesão incontestada aos valores da moral dominante ainda pode encaminhar à posteridade,⁶² o filosofar crítico e histórico de Nietzsche expande seus efeitos com a radicalidade dionisíaca da grande guerra.⁶³ A tarefa legada por Nietzsche permanece urgente para descredenciar a credulidade nos embustes da moral e levar adiante uma práxis contra-hegemônica de desempoderamento dos modos de valoração ainda hoje reinantes, dos mais grosseiros aos mais refinados, ocultos e dissimulados.

⁶¹ Cf. especialmente a segunda parte do dossiê sobre Nietzsche e as tradições morais dos *Cadernos Nietzsche* (vol. 38, n.3, São Paulo, set./dez. 2017). Destaco apenas uma parte do comentário de Rogério Lopes, colaborador desse dossiê: “A crítica radical de Nietzsche à moralidade e seu inegável engajamento normativo confrontam o intérprete com o desafio de articular esse duplo movimento, aparentemente contraditório, de seu pensamento, seja pela via de uma reconstrução sistemática de suas posições, seja mediante a reconstrução de seu diálogo com autores consagrados da tradição, ou mesmo à luz dos debates contemporâneos em filosofia moral, que desde a década de setenta têm tentado promover um alargamento de nossa compreensão da vida ética para além das opções oferecidas pelas teorias modernas hegemônicas representadas pela deontologia kantiana e pelo consequencialismo de matriz utilitarista.” (*Editorial*, p. 9).

⁶² A esse respeito, remeto mais uma vez a GIACOIA JUNIOR, O. *O humano como memória e como promessa*, p. 60-174.

⁶³ A exemplo de um filosofar crítico e histórico, considere-se o legado deixado por Foucault no século XX.

Referências

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ANSELL-PEARSON, Keith (Org.). *A companion to Nietzsche*. Oxford: Blackwell, 2006.
- ARALDI, Clademir Luís. *Nietzsche: do niilismo ao naturalismo moral*. Pelotas: NEPFil online, 2013.
- ARALDI, Clademir Luís. Nietzsche e Paul Rée: acerca da existência de impulsos altruístas. In: *Cad. Nietzsche*, Guarulhos/Porto Seguro, v.37, n.1, p. 71-87, 2016.
- BRUSOTTI, Marco. Descrição comparativa *versus* fundamentação: o quinto capítulo de *Para além de bem e mal*: “Contribuição à história natural da moral”. *Cad. Nietzsche*, Guarulhos/Porto Seguro, v. 37, n. 1, p. 17-43, 2016.
- CARVALHO, D.F. O silêncio da natureza e o barulho da moralidade: Nietzsche e o problema da antropomorfização. *Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 39-56, 2013.
- CONSTÂNCIO, João. Darwin, Nietzsche e as consequências do darwinismo. *Cad. Nietzsche*, São Paulo, v. 26, p. 109-154, 2010.
- FAZIO, Domenico M. A ética na escola de Schopenhauer: o caso de Paul Rée. *Ethica@*, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 87-98, julho de 2012.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FREZZATTI JUNIOR, Wilson Antonio. *Nietzsche contra Darwin*. 2. ed. ampliada e revista. São Paulo: Loyola, 2014.
- GARCIA, André Luis Muniz; ANGIONI, Lucas (Orgs.). *Labirintos da filosofia: Festschrift aos 60 anos de Oswaldo Giacoia Jr*. Campinas: PHI, 2014.

- GEMES, Ken; JANAWAY, Christopher. Naturalism and value in Nietzsche. *Philosophy & Phenomenological Research*, New Brunswick, v. 71, p. 729-740, 2005.
- GEN, Grupo de Estudos Nietzsche. *Dicionário Nietzsche*. Editora responsável: Scarlett Marton. São Paulo: Loyola, 2016.
- GERHARDT, Volker; RESCHKE, Renate (Org.). *Nietzsche, Darwin und die Kritik der Politischen Theologie*. Berlin: Akademie Verlag, 2010.
- GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. *Nietzsche: o humano como memória e como promessa*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. *Nietzsche x Kant: uma disputa permanente a respeito de liberdade, autonomia e dever*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra. São Paulo: Casa do Saber, 2012.
- GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. *Nietzsche & Para além do bem e do mal*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- GISSLER, Willy. *Das Mitleid in der neueren Ethik mit besonderer Rücksicht auf Fr. Nietzsche, R. Wagner und L. Tolstoi*. Halle: C. A. Kaemmerer & Co., 1903.
- GÜLCHER, Nina; LÜHE, Irmela von der (Orgs.). *Ethik und Ästhetik des Mitleids*. Freiburg: Rombach, 2007.
- HAMBURGER, Käte. *Das Mitleid*. Stuttgart: Klett-Cotta, 1985.
- HEIT, H. Naturalizing perspectives. On the epistemology of Nietzsche's experimental naturalizations. *Nietzsche-Studien*, Berlin/New York, v. 45, n. 1, p. 56-80, 2016.
- ITAPARICA, André. Nietzsche e Paul Rée: o projeto de naturalização da moral em *Humano, demasiado humano*. *Dissertatio*, Pelotas, v. 38, p. 57-77, verão de 2013.
- JANAWAY, Christopher. *Beyond selflessness: reading Nietzsche's Genealogy*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. 2. ed. Tradução de Paulo Quintela. Introdução de Pedro Galvão. Lisboa: Edições 70, 2009.

LEITER, Brian. O naturalismo de Nietzsche reconsiderado. Tradução de Oscar Augusto Rocha Santos. Revisão da tradução de Rogério Lopes. *Cad. Nietzsche*, São Paulo, v. 29, p. 77-126, 2011.

MACINTYRE, Alasdair. *Depois da virtude: um estudo em teoria moral*. Tradução de Jussara Simões. Revisão técnica de Helder Buenos Aires de Carvalho. Bauru: Edusc, 2001.

MARTINS, André (Org.). *O mais potente dos afetos: Spinoza e Nietzsche*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

MEDRADO, Alice. O texto natural: sobre a tarefa nietzschiana de “retraduzir o homem de volta à natureza”. *Estudos Nietzsche*, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 167-188, jul./dez. 2014.

NIEMEYER, Christian (Org.). *Léxico de Nietzsche*. Tradução de André Muniz Garcia et. al. São Paulo: Loyola, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. *Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe (eKGWB) auf der Grundlage der Kritischen Gesamtausgabe Werke*. Hrsg. von Giorgio Colli und Mazzino Montinari, Berlin/New York, de Gruyter, 1967ff. und *Nietzsche Briefwechsel Kritische Gesamtausgabe*, Berlin/New York, de Gruyter, 1975ff. Hrsg. von Paolo D'Iorio, 2009. Disponível em: www.nietzschesource.org.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. Tradução, notas e posfácio de Jacob Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992

NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida* (Segunda consideração extemporânea). Introdução e tradução de André Itaparica. São Paulo: Hedra, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. *Schopenhauer educador* (Terceira consideração extemporânea). Tradução de Antonio Carlos Braga e Ciro Mioranza. São Paulo: Escala, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*, volume I. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*, volume II. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*: um livro para todos e para ninguém. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*: prelúdio a uma filosofia do futuro. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*: uma polêmica. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. *O caso Wagner*: um problema para músicos. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*, ou, Como se filosofa com o martelo. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. *O anticristo*: maldição ao cristianismo. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo*: como alguém se torna o que é. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo*: como se chega a ser o que se é. Tradução e apresentação de Artur Morão. Covilhã: Universidade da Beira Interior (LusoSofia), 2008. Disponível em: www.lusosofia.net/textos/nietzsche_friedrich_ecce_homo.pdf. (Versão corrigida e melhorada da tradução publicada pela editora lisboeta *Edições 70*, em 1989)

NIETZSCHE, Friedrich. *Nietzsche contra Wagner*: dossiê de um psicólogo. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

RÉE, Paul. *Gesammelte Werke 1875-1885*. Herausgegeben, eingeleitet und erläutert von Hubert Treiber. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2004.

RÉE, Paul. *Der Ursprung der moralischen Empfindungen*. Herausgegeben, erläutert und mit einer Einleitung versehen von Hans-Joachim Pieper, Hans-Walter Ruckenbauer und Michael Rumpf. Alfter: DenkMal, 2005.

SALANSKIS, Emmanuel. Moralistes darwiniens: les psychologies évolutionnistes de Nietzsche et Paul Rée. *Nietzsche-Studien*, Berlin/New York, v. 42, n. 1, p. 44-66, 2013.

SCHACHT, Richard. O naturalismo de Nietzsche. Tradução de Olímpio Pimenta. Revisão da tradução de Rogério Lopes. *Cad. Nietzsche*, São Paulo, v. 29, p. 35-75, 2011.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre o fundamento da moral*. Tradução de Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola e prefácio de Alain Roger. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SIEMENS, Herman. Nietzsche e a sociofisiologia do eu. *Cad. Nietzsche*, Guarulhos/Porto Seguro, v.37, n.1, p. 185-218, 2016.

SKOWRON, Michael. Nietzsches „Anti-Darwinismus“. *Nietzsche-Studien*, Berlin/New York, v. 37, p. 160-194, 2008.

STEGMAIER, Werner. *Nietzsches „Genealogie der Moral“*. Darmstadt: WBG, 1994.

STEGMAIER, Werner. *As linhas fundamentais do pensamento de Nietzsche: coletânea de artigos (1985-2009)*. Organização de Jorge Luiz Viesenteiner e André Luis Muniz Garcia. Tradução de Oswaldo Giacoia Junior et. al. Petrópolis: Vozes, 2013.

STIRNER, Max. *O único e a sua propriedade*. Tradução, glossário e notas de João Barrento. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

Universidade Católica de Petrópolis
Centro de Teologia e Humanidades
Rua Benjamin Constant, 213 – Centro – Petrópolis
Tel: (24) 2244-4000
lexhumana@ucp.br
<http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=LexHumana>



ALVES DE MELO, Igor. NIETZSCHE E A GENEALOGIA DA MORAL COMO NOVA EXIGÊNCIA: O DEBATE COM PAUL RÉE E A TEORIA MORAL DO SÉCULO XIX. **Lex Humana**, v. 9, n. 1, mar. 2017. ISSN 2175-0947. Disponível em:
<http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=LexHumana&page=article&op=view&path%5B%5D=1420>